



Jornal da 28ª CRE

Informativo da 28ª Coordenadoria Regional de Educação

Ano I - Nº 01 - Junho de 2001

CURRÍCULO NÃO É CORREDOR!

Na formulação de orientações curriculares, o rol de saberes e de estratégias pode aparecer como uma natural sequência, linear e progressiva. Mas, na realidade, são resultados de decisões assumidas na relação entre muitos grupos e diferentes pessoas. Neste sentido, as formulações oficiais do currículo são manifestações, retratos (só aparentemente estáticos e lineares) de uma realidade extremamente dinâmica e complexa.

O desafio educativo consiste em desenvolver contextos e processos que favoreçam a interação criativa entre pessoas e, ao mesmo tempo, entre os “mundos” aos quais pertencem. A prática escolar se constitui como uma mediação entre diferentes indivíduos, mas também como campo de inter-relação entre diferentes contextos sociais e culturais.

Neste sentido, o conflito é inerente à prática educativa. Conflito não só en-

Reconhecer e assumir oficialmente a multiplicidade de práticas, desenvolvidas pela interação de diferentes sujeitos, constitutivas dos currículos escolares, implica em percebê-los e orientá-los segundo uma lógica que seja capaz de compreender a relação da unidade do conjunto com a diversidade de elementos que o constituem.

As práticas escolares podem ser entendidas e orientadas segundo diferentes lógicas, que poderíamos enunciar (de modo inconvenientemente simplista) nos seguintes termos. Uma é a lógica da unicidade: o currículo é visto como único e não há como conceber diferentes propostas, senão como a ele submetidas ou dele excluídas. Outra é a lógica da diversidade: diferentes propostas singulares convivem e competem entre si, sem nunca formar um todo homogêneo. Outra, ainda, é a lógica da complexidade: a interação entre diferentes processos cria e recria constantemente contextos relacionais que, por sua vez, se tornam referênciais para que cada ato particular adquira significado.

Na perspectiva da complexidade é possível perceber que na escola interagem diariamente diferentes sujeitos, sustentando e recriando contextos institucionais e culturais. Mas a ação de cada indivíduo, por sua vez, é expressão dos variados contextos sociais e culturais de que ele participa. Assim, o mesmo ato do mesmo indivíduo adquire significados diferentes, conforme for referenciado ao contexto da escola (ou de cada situação criada neste ambiente), na família, de seu grupo de amigos, de seu bairro, de sua profissão, de seu partido, etc.

tre indivíduos, mas entre os diferentes contextos em relação aos quais os atos destes indivíduos adquirem significados.

Aqui é que se coloca o desafio de se trabalhar com a pluralidade cultural. É necessário reconhecer e legitimar a diferença de culturas que passam as práticas e as relações escolares, como aponta o multiculturalismo. Mas não basta. É necessário promover contextos relacionais em que o conflito entre os diferentes contextos possam ser elaborados educativamente: de tal modo que o reconhecimento e valorização das diferenças entre as pessoas (e dos contextos aos quais pertencem) se torne estímulo recíproco para a afirmação e crescimento de cada um (assim como dos contextos aos quais pertencem).

Neste sentido, parafraseando Paulo Freire, poderíamos dizer que se, de um lado, “as pessoas se educam em relação, mediatizadas pelo mundo”, de outro lado, sob o enfoque contextual, “os mundos se educam em relação, mediatizados pelas pessoas”. Nesta perspectiva, currículo não pode ser entendido como sinônimo de corredor! Para que a escola facilite relação criativa entre as pessoas e entre seus respectivos mundos precisa se organizar de modo variado, dinâmico e aberto! Como uma praça meticulosamente construída e mantida, onde todos possam realizar o desejo profundamente humano de se encontrar, de descobrir, de trocar... enfim, de ser e fazer feliz!

Reinaldo Fleuri
Professor da UFSC